

O ÍNDICE DE MISÉRIA

José Pio Martins

O economista norte-americano **Arthur Okun** (1928-1980) é considerado o criador do “*índice de miséria*”, um indicador que resulta da soma da *taxa de inflação* com a *taxa de desemprego*. Okun sabia que tanto a inflação quanto o desemprego são doenças econômicas graves, porque ambos têm efeito devastador sobre o bem-estar da população, com enorme potencial de causar pobreza – ou empobrecimento – das pessoas.

Mas o que Okun buscava? Não é muito fácil descobrir a partir de qual percentual a inflação isolada se torna um mal grave nem a partir de qual percentual o desempregosozinho se torna uma doença social séria. Também não é tão simples saber qual a inflação e o desemprego que, convivendo simultaneamente, se transformam em um mal social realmente problemático. Arthur Okun tentou entender essas questões.

Acredita-se que até 5% da população economicamente ativa (aquela em condições de trabalhar) o desemprego é normal e não causa maiores complicações. Essa taxa refere-se àquelas pessoas momentaneamente desempregadas por estarem mudando de profissão, de cidade ou se transferindo de um trabalho a outro. Os manuais chamam isso de “*desemprego fricativo*”, pois resulta de fricção entre as vagas existentes e os trabalhadores desempregados em cada função e em cada região. Mas acima de 5%, o desemprego começa a preocupar, porque não é mais fricativo.

Até 4% ao ano a inflação é tolerável. Acima disso, ela começa a corroer mais fortemente o poder de compra dos salários e piora o padrão médio de vida. Se a inflação ficar em 4% e o desemprego em 5%, a soma de ambos (que dá 9) não causa, segundo Okun, maiores estragos sociais. Fazendo combinações com os dois índices, Okun chegou à conclusão de que acima de 12, o estrago no bem-estar social é grande e suficiente para desorganizar qualquer economia e criar tensões políticas.

Okun queria descobrir, também, quanto o produto interno deveria crescer para que a taxa de desemprego caísse um ponto percentual. O mundo mudou e não se sabe, hoje, se os valores são os mesmos, mas ele constatou que o produto teria de aumentar três por cento para diminuir o desemprego em um ponto percentual.

Porém, quanto maior for o grau de maquinização e de tecnologia aplicada à produção, maior é o aumento no produto necessário para reduzir o desemprego. O caso da agricultura é bom exemplo. A safra agrícola pode ser aumentada de um ano para outro com pouco acréscimo de trabalhadores, pois o mundo tende para uma agricultura sem gente e mecanizada.

Quando a taxa de desemprego é baixa e a inflação é alta (mais ou menos o que começa acontecer no Brasil), os bancos centrais podem aumentar os juros como meio de reduzir a inflação. A sintonia fina tentada pelos bancos centrais é elevar os juros até o ponto em que eles promovam redução da inflação sem aumentar o desemprego. Ao inverso, se o desemprego está alto e a inflação baixa, a saída é reduzir os juros e os tributos a fim de estimular o investimento e a produção.

Quando o desemprego e a inflação estão altos – portanto, atingido o “índice de miséria” –, o Banco Central fica sem instrumentos para combater os dois males. Esse é o quadro que, se tiver juízo, a presidente Dilma tentará evitar a todo custo, sob pena de sua popularidade ir para o espaço em curto prazo. O PIB já caiu. A inflação já subiu. Apenas o desemprego não é grave... ainda.

José Pio Martins, economista, éreitor da Universidade Positivo.

Os artigos de economistas divulgados pelo CORECON-PR são da inteira responsabilidade dos seus autores, não significando que o Conselho esteja de acordo com as opiniões expostas. É reservado ao CORECON-PR o direito de recusar textos que considere inadequados.